



# nas Gerais

## *Nesta edição:*

### **CONHEÇA A PASTORAL**

Um jeito diferente de ser Igreja.  
Pg 5.

### **O QUE É DEUS?**

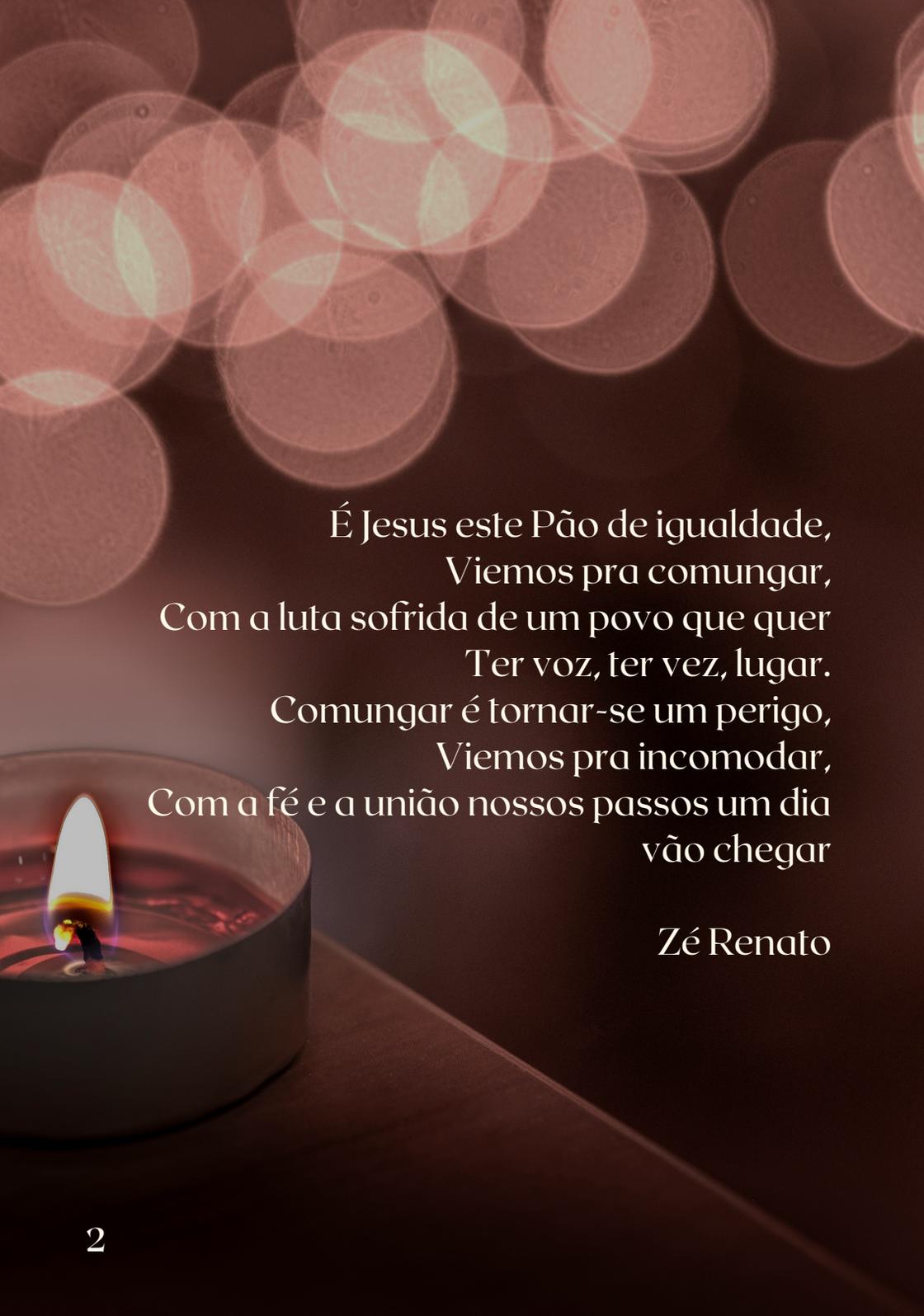
Convidados os e as jovens da  
pastoral para responder essa  
questão. Pg 10.

### **ASSEMBLEIA ECLESIAL DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE**

A PJMP participou do processo de escuta da  
Assembleia. Leia os artigos escritos pelos  
jovens da pastoral. Pg 18.

### **UM JEITO POPULAR DE LER A BÍBLIA**

O pessoal do Centro de Estudos Bíblicos  
(CEBI) de Uberlândia fala sobre seu  
método de ler a Bíblia. Pg 31.



É Jesus este Pão de igualdade,  
Viemos pra comungar,  
Com a luta sofrida de um povo que quer  
Ter voz, ter vez, lugar.  
Comungar é tornar-se um perigo,  
Viemos pra incomodar,  
Com a fé e a união nossos passos um dia  
vão chegar

Zé Renato

# Apresentação

A Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) sempre foi um exemplo de produção de materiais para serem trabalhados pelos grupos de jovens. Diversos subsídios, livros, revistas já foram produzidos com temáticas relacionadas a juventude do meio popular. Nestas produções também não podemos deixar de falar das inúmeras monografias, dissertações e teses, textos de cunho acadêmicos elaboradas sobre a PJMP. Todo esse rico material mostra a grande experiência acumulada pela PJMP e suas enormes contribuições na Igreja e na Sociedade. A revista PJMP nas Gerais é herdeira deste legado, dando continuidade ao serviço de formação das juventudes do meio popular. A revista estreia em sua primeira edição abordando temas importantíssimos para a ação pastoral da PJMP, entre eles cinco artigos produzidos por jovens da PJMP da Diocese de Uberlândia (MG) a partir de reflexões e debates em meio ao contexto de participação na Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, realizada entre os dias 22 a 28 de novembro de 2021, no México. A revista PJMP nas Gerais também conta com ricos testemunhos de jovens refletindo sobre a pergunta “O que é Deus?”, reflexões desenvolvidas durante a novena de Advento do Natal do Senhor. Por fim, a revista conta com um texto sobre Leitura Orante da Bíblia e outro sobre o Grupo de Jovens. A revista PJMP nas Gerais estreia com muito louvor e abre uma nova fase na vida da PJMP em Minas Gerais.

Website

[pjmp.org](http://pjmp.org)

João Filipe Santos da Silva Xavier  
*Secretário Nacional da PJMP*



@pjmpuberlandia



# Índice:

- 5** A PASTORAL
- 6** O GRUPO DE JOVENS: UMA GRANDE SACADA  
JOÃO FILIPE SANTOS DA SILVA XAVIER
- 10** O QUE É DEUS?
- 18** PJMP DIOCESE DE UBERLÂNDIA MARCA PRESENÇA  
NA ASSEMBLEIA ECLESIAL
- 19** SUSTENTABILIDADE E PANDEMIA  
ANDRÉ AFONSO
- 21** IGREJA CATÓLICA, PROTESTANTISMO, PERIFERIA E  
A COMUNICAÇÃO: UMA BREVE REFLEXÃO E  
QUESTIONAMENTOS  
MARINA GÓIA SANTOS FARIA
- 23** PACTO EDUCATIVO GLOBAL: POR UMA PEDAGOGIA  
DO OPRIMIDO  
GABRIEL RIBEIRO FAJARDO
- 26** CLERICALISMO: UM CAMINHO CONTRÁRIO A  
IGREJA SINODAL  
GUILHERME PIMENTEL
- 28** VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O PAPEL DA  
IGREJA  
KAREN GONÇALVES FERNANDES
- 31** LEITURA POPULAR DA BÍBLIA  
CEBI

# A Pastoral

A PJMP nasceu sobre a influência direta de Dom Helder Camara. Sua ação pastoral é baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo e, ao longo da história da Igreja Católica, em tudo aquilo que foi reafirmado no Concílio Ecumênico Vaticano II, nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968; Puebla, 1979; São Domingos, 1987; e Aparecida, 2007), nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nas Pastorais Sociais, no Movimento Fraterno Encontro de Irmãos, na Ação Católica, no Movimento de Educação de Base, nos Círculos Bíblicos e na Teologia da Libertação. A PJMP carrega em sua história as profecias da opção preferencial pelos/as empobrecidos/as e da opção preferencial pelas juventudes.

## OBJETIVO DA PASTORAL

Vivenciar o projeto libertador de Jesus Cristo, sendo Igreja em saída, que testemunha o Reino de Deus e a alegria do Evangelho nas periferias, atuando frente aos desafios eclesiais e sociais, como sinal de esperança nas experiências de fé e nas lutas da juventude do meio popular.

## MÍSTICA

Na Pastoral da Juventude do Meio Popular, como em outros segmentos que tem como princípio base a Teologia da Libertação, a mística é uma forma de manifestação da espiritualidade, onde se apresentam vários elementos que a incorporam, tais como: religiosidade popular, natureza, corporeidade e afetividade.

## METODOLOGIA

Uso do método VER-JULGAR-AGIR acrescido de outros elementos: PLANEJAR-AVALIAR-CELEBRAR-FESTEJAR. Hoje é o método mais utilizado pela CNBB para os seus trabalhos pastorais. Consiste em um método prático de formação na ação, que nos tira do comodismo, nos levando a assumir compromissos na transformação da sociedade.



# O GRUPO DE JOVENS: UMA GRANDE SACADA

O grupo de jovens é uma das várias formas de organização das juventudes. É um modelo muito utilizado pelas Pastorais de Juventude (PJs) na sua ação pastoral. Tal modelo de organização ocupa o cerne dos debates e pautas no mundo juvenil, principalmente dentro das organizações cristãs católicas que atuam com jovens. O dinamismo das juventudes encontra-se em constante atualização e inovação na medida que avançamos como sociedade, no que diz respeito as relações humanas, novas tecnologias e o cuidado com a Casa Comum. As juventudes organizadas em grupo de jovens absorvem essas informações e dinamizam suas vivências e práticas dentro destes grupos na comunidade paroquial onde estão inseridas. A Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) aposta nas juventudes que se organizam em grupos de jovens. Com isso, queremos debater qual é a grande sacada em fazer parte de um grupo de jovens? Qual é a relação que a PJMP tem com esse modelo de organização? Como o grupo de jovens podem ajudar na evangelização e na conscientização das juventudes? Quais foram os desafios e avanços durante essa Pandemia? E como podemos observar o advento de novos horizontes pastorais? Essas são algumas questões chaves que serão refletidas.

## A GRANDE SACADA NO MEIO POPULAR

A Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) desde o seu surgimento no ano de 1978 priorizou esse modelo de organização juvenil e com isso deu grandes contribuições para o debate em torno dos grupos de jovens.

## Por João Filipe Santos da Silva Xavier

A PJMP ao longo dos seus 42 anos de caminhada pastoral busca organizar as juventudes empobrecidas em grupos de jovens: formando grupos onde não existe e subsidiando os grupos já existente, assim dando plena unidade pastoral sobe uma mística do Meio Popular. A PJMP criou uma organização pastoral de jovens do meio popular para jovens do meio popular, efetivando o protagonismo juvenil a partir de uma espiritualidade cristã libertadora. Na medida que a PJMP foi se consolidando no Brasil juntamente com as demais PJ's, cada vez mais as juventudes organizadas em grupos de jovens foram ganhando espaços nas Paróquias, Dioceses e Regionais. Esse modelo ganhou muita força, principalmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990. No começo dos anos 2000 o pluralismo de expressões juvenis dentro da Igreja Católica alavancou uma série de questões, sobretudo, no que diz respeito ao modelo de organização juvenil, levantando grandes debates e reflexões sobre essa pauta. O grupo de jovens ainda é uma das principais formas de organização das juventudes dentro da Igreja Católica, sendo assunto de importantes materiais e subsídios produzidos pela Comissão Episcopal Pastoral para as Juventudes da CNBB (CEPJ) e pela Coordenação Nacional da Pastoral Juvenil da CNBB. Inclusive, tornando-se um modelo de Expressão Juvenil.

Dentro da PJMP, o Grupo de Jovens é carinhosamente conhecido e chamado como Grupo de Base, pois, é o coração pulsante desta pastoral, sendo o centro de toda a sua articulação .

## FORMAÇÃO INTEGRAL: A SACADA DA EDUCAÇÃO NA FÉ E NA VIDA

A PJMP na sua ação pastoral lida com a formação, organização, conscientização e evangelização das juventudes empobrecidas, e é dentro de um grupo de jovens que todas essas questões são desenvolvidas, gerando uma consciência plena, não apenas refletindo sobre classe, mas também pontuando as posturas que devemos ter socialmente, politicamente e ecologicamente, sobretudo no debate de raça, gênero e geracional. No Plano Político Pastoral e Missionário (PPPM 2019-2023) pontua a missão da PJMP: *“Vivenciar o projeto libertador de Jesus Cristo, sendo Igreja em saída, que testemunha o Reino de Deus e a alegria do Evangelho nas periferias, atuando frente aos desafios eclesiais e sociais, como sinal de esperança nas experiências de fé e nas lutas da juventude do meio popular.”* A missão da PJMP abre caminhos sólidos para um Processo de Formação Integral que desemboca nos princípios de uma Educação na Fé e na Vida.

O processo de Educação na Fé e na Vida passa pela Formação Integral, que, por sua vez, é vivida dentro do grupo de jovens da PJMP. Não basta apenas um processo de formação, mas sim, uma formação integradora que esteja ligada com a vida das juventudes passando por todas as dimensões que constituem o universo juvenil. É importantíssimo refletir sobre assuntos sociais, culturais, políticos, econômicos, ecológicos, geracionais e teológicos, assim como é fundamental debater sobre assuntos relacionados a raça, etnia, gênero, saúde mental, tecnologia... Um grupo de jovens ligado a PJMP, uma pastoral da Igreja Católica, consegue a luz dos Evangelhos de Jesus Cristo debater e refletir todos esses assuntos, anunciando as Boas Notícias e denunciando todas as injustiças relacionadas a essas temáticas. Esses são os dois gritos que um grupo de jovens com o carisma da PJMP deve apresentar: O Anúncio e a Denúncia.

Não existe apenas um modelo padrão, várias pessoas e pastorais tentaram sistematizar um modelo a ser seguido, mas com a dinamicidade das juventudes, esses modelos acabam ficando obsoletos e desatualizados. O Processo de Educação na Fé e na Vida precisa dialogar constantemente com o contexto pelo qual as/os jovens estão inseridas/os e sempre ficar aberto as mudanças e atualizados (características próprias da dinâmica juvenil). Um caminho que ajuda a desenvolver o processo efetivo e afetivo é a metodologia Ver, Julgar e Agir. Na PJMP, o seu Plano Pastoral (PPPM) é o modelo mais atualizado de Educação na Fé e na Vida e dar várias pistas de ação para uma Formação Integral com as Juventudes do Meio Popular. No PPPM, o grupo de jovens é uma das linhas de ação e principais atividades na ação pastoral da PJMP no Brasil.

## NOVAS TECNOLOGIAS: UMA GRANDE SACADA OU UMA GRANDE CILADA?

Nestes últimos dois anos, o mundo foi assolado por uma terrível pandemia da doença coronavírus (COVID-19) causada pelo vírus SARS-CoV-2. Dessa forma, muitos grupos de jovens deixaram de fazer seus encontros semanais na comunidade e tiveram que aprender, na medida do possível, os mecanismos das novas tecnologias: reuniões virtuais, transmissões ao vivo, produção de vídeos e podcasts, entre outros. O mundo ficou virtual, as relações humanas mais distantes e o consumo cada vez mais exagerado, sem falar das inúmeras vidas ceifadas pelo vírus. Esse foi o contexto destes dois últimos anos. Com o avanço da vacinação podemos começar a observar uma luz, ou melhor dizendo, podemos começar a respirar melhor.

A Pandemia escancarou as mazelas sociais, o abismo tecnológico ficou bem visível, sobretudo no meio popular.

Os grupos de jovens da PJMP tentaram sobreviver como puderam, mesmo com a forte exclusão digital, foi muito grande a produção de transmissões ao vivo, reuniões online, vídeos, cartazes, podcasts, criação de perfis de grupos de jovens nas redes sociais, entre outras ações virtuais. A PJMP e seus grupos de jovens não pararam com a Pandemia, mesmo com a internet limitada e um aparelho com poucas configurações e memória, foi forte a presença desses grupos de jovens nas redes sociais promovendo um caloroso debate sobre grandes temas, gerando um rico material disponível nas páginas virtuais destes grupos.

A partir de agora, é importante manter a presença nas redes sociais, divulgando as próximas atividades, falando sobre a história do grupo ou da PJMP, fazendo vídeos ou uma transmissão ao vivo sobre um tema atual, etc. As ações nas redes sociais são inúmeras e as juventudes são bastante criativas para desenvolvê-las. Entretanto, não podemos esquecer jamais que a atuação dos grupos de jovens da PJMP são atividades presenciais na comunidade, preservando a Cultura do Encontro, como bem afirmou o Papa Francisco. Sabemos que é muito cedo planejar um cronograma de atividades presenciais. Com muito cuidado é fundamental prestar atenção nas medidas de segurança sanitária de cada Estado, ainda tomando todos os cuidados: usar máscaras, passar álcool em gel e obedecer ao distanciamento sanitário. Infelizmente, com o negacionismo do governo federal estamos avançando muito pouco para uma melhor situação. Mas é preciso esperar!

#### NOVOS HORIZONTES PASTORAIS

A vida em grupo de jovens é uma grande sacada para testemunhar o Reino de Deus e fortalecer a espiritualidade das juventudes.

Uma/um jovem que vive (ou já viveu) dentro de um grupo de jovens torna-se uma pessoa que faz a diferença nos espaços que participa, seja na própria Igreja ou na escola, faculdade, trabalho, nas redes sociais, etc. As vivências compartilhadas nos encontros de um grupo de jovens podem ajudar a melhorar a qualidade da saúde mental das juventudes, dando mais perspectivas de vida, de sonhos, de princípios, de realizações, de desempenho e de futuro. As juventudes organizadas e reunidas em grupos de jovens transformam a realidade, primeiro das/os jovens envolvidas/os dentro do próprio grupo e depois da comunidade que estão inseridas/os. Os novos horizontes da vida em grupos de jovens ainda precisam responder a esse questionamento: Como será a volta dos grupos de jovens no contexto pós-pandemia? Repensar a metodologia, fazer novos processos de formação integral, observar os caminhos de sinodalidade, aprender a cuidar melhor da Casa Comum, repensar a lógica de consumo, contar com o apoio das novas tecnologias, ter mais cuidado com as relações humanas, enfim... São diversas as posturas que devemos assumir daqui para frente. E no grupo de jovens que temos terra fértil para começar a produzir as problematizações necessárias para a transformação da sociedade.

#### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

CNBB. Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. Civilização do Amor: Projeto e Missão. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. Deus é jovem. Uma conversa com Thomas Leoncini. Barcelona: Ed. Planeta, 2018.

FRANCISCO. Apostólica Pós-Sinodal  
Chrisus Vivit. Brasília: Edições CNBB,  
2019.

## Conheça os Grupos de Base que fazem parte da PJMP na Diocese de Uberlândia

 @jucriss.araguari

 @ejcstamonica

 @grupodejovensviver  
expressar



Aponte a câmera do seu  
celular para o QR Code e  
conheça nossos Grupos de  
Base.



Natural de Olinda, Pernambuco. Educador Popular, Professor, Historiador e Judoca. Possui formação em História pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e atua como historiador do Instituto Dom Helder Camara (IDHeC), cuidando da preservação da memória de Dom Helder Camara. Atualmente é o Secretário Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e membro das Coordenações Nacionais da Pastoral Juvenil da CNBB, do Grito dos/as Excluídos/as e da 6ª Semana Social Brasileira. Também faz parte da Cáritas Arquidiocesana e da Comissão de Justiça e Paz, ambas da Arquidiocese de Olinda e Recife (PE). É integrante do Grupo Jovens Conscientizando a Comunidade (JCC).

*PJMP é espaço aberto para te acolher!*

*Muita reza, muita luta e muita festa!*

# O que é Deus?

Essa foi a pergunta que nos mobilizou durante toda a novena de Natal (2021).

O Grupo de Jovens Viver e Expressar (Indianópolis/MG), grupo de base da PJMP diocese de Uberlândia, realizou a "Novena de Natal 2021: Não há lugar para ele". A Novena foi escrita pelas professoras e teólogas Solange Maria do Carmo e Tania da Silva Mayer, na esperança por dias melhores e com o desejo de ajudar as pessoas a se preparem bem para o Natal do Senhor:

*"Gostaríamos de oferecer um material que ajudasse a ler a realidade brasileira na pandemia de Covid-19 combatendo as imagens e linguagens distorcidas e errôneas de Deus que são propagadas nas mídias e redes sociais. Um material rico, com boa teologia, poesia, muita fé e um tanto de mineiridade." - dizem as professoras.*

Desta forma, a cada encontro fomos convidados e convidadas a refletir coletivamente sobre as várias imagens de Deus que nos foram apresentadas nos diferentes espaços que habitamos e qual a imagem de Deus apresentada por Jesus nos Evangelhos.



[fiquefirme.com.br](http://fiquefirme.com.br)

Como movimento final da novena escrevemos pequenos textos respondendo a essa questão fundamental para nossa fé.

Aprendi com teólogos/as que temos que deixar de lado os slogans e as respostas prontas que memorizamos na catequese para fazermos uma experiência mais profunda no mistério que é Deus. Ser mistério já indica algo. Em matéria de Deus ninguém tem um conhecimento resoluto, definitivo, acabado, "a verdade". Desse modo, a dúvida não é algo negativo, ela faz parte de nossa caminhada neste mistério.

Convém perguntarmos: O que é Deus? Onde Deus está? Onde Deus acontece?

O nascimento de Jesus, para os cristãos, representa o próprio Deus que se encarna no mundo, na história, no corpo e na carne.

Infelizmente algumas compreensões religiosas cristãs contrapõe Deus ao mundo. Negam o mundo, como se este fosse a fonte de todo o mal, e na busca por Deus passam a viver uma espiritualidade aluada - para não dizer alienada - que fala a língua dos anjos, mas esquece de ouvir o grito dos pobres. Mais preocupados em salvar as almas do que os corpos daqueles que sofrem. Como dizia Paulo Freire: "Eu aceito o direito que ele tem de dicotomizar, mas eu não aceito a dicotomia". O Deus cristão é um Deus encarnado, que faz história junto com o povo. Um Deus radicalmente humano, que caminha junto dos mais simples, oprimidos e excluídos. Sofrendo com eles. Libertando-os. Recordando-os de sua dignidade. Gerando vida e vida em abundância.

Portanto, onde Deus está? Eu direi repetindo as palavras da teóloga Ivone Gebara, que "Deus está no mundo", ou ainda, como bem disse o Padre Júlio Lancelotti: "Deus não está acima de todos; Deus está no meio de nós". Deus acontece entre as pessoas, nas relações. Relações de libertação, porque Deus é libertador. Relações de amor, porque Deus é amoroso. Relações de compaixão e perdão, porque Deus é misericordioso. Relações de fraternidade, solidariedade, justiça e paz...

Deus é a humanidade que há em nós.

## Por Gabriel Ribeiro Fajardo



Fonte: Padre Júlio Lancellotti dando assistência aos irmãos em situação de rua na paróquia São Miguel Arcanjo em São Paulo, capital. Foto: Imagem do Instagram do Padre Júlio Lancellotti.

Nasci e cresci em meio católico, desde sempre aprendi em casa e na catequese que Deus era um Deus de amor, compaixão e carinho. Porém, conforme o tempo ia passando, percebi que algumas atitudes e abordagens de membros da igreja contradiziam esse preceito tão fundamental para mim. Com isso, muitos conflitos surgiram na minha relação com a igreja e comecei a me questionar se aquele ambiente realmente era para mim.

Após muitas experiências turbulentas, encontrei um grupo – o EJC Santa Mônica - que me acolheu e que me fez enxergar para além desse aspecto excludente que parte dos católicos apresenta. Mesmo sendo muito presente nos encontros e desenvolvendo laços cada vez mais concretos, ainda sentia que faltava algo. Coincidentemente, nesse momento, vi uma publicação no Instagram falando sobre a iniciativa da Pastoral da Juventude do Meio Popular em Uberlândia.

As publicações nas redes sociais expressavam a essência da pastoral – o olhar carinhoso e acolhedor com o próximo, prezando pela vida e pela empatia, assim como Cristo nos ensinou. Logo entrei em contato para receber mais informações e cá estou eu, compondo a coordenação dessa pastoral tão linda e com um propósito tão nobre. Afinal, a nossa missão é de muita reza, muita luta e muita festa.

*“aprendi em  
casa e na  
catequese que  
Deus era um  
Deus de amor,  
compaixão e  
carinho”*

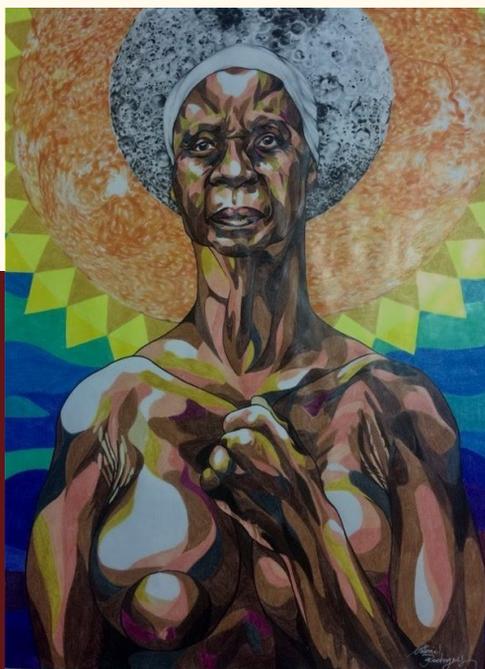
**Por Ana Laura  
de Castro Vieira**



*“Deus é uma mulher negra que está a nos esperar em uma grande mesa posta com um banquete para todos.”*

Acredito em Deus que se faz presente na história, um Deus vivo que habita em tudo e em todos, um Deus que habita no pobre que está a passar fome, que habita no desempregado que luta pelo pão nosso de cada dia, que habita na criança abandonada que não sabe o significado da palavra família, que habita na mulher abandonada e violentada, que habita na população LGBTQIA+ que são desprezados e desrespeitados todos os dias pelo simples fato de viver, que habita na população indígena que luta por aquilo que sempre foi seu, que habita no estrangeiro, no doente, por fim que habita em todos aqueles que estão às margens da sociedade nos dando a oportunidade de irmos ao seu encontro e retribuirmos o amor que recebemos d'Ele. DEUS é uma mulher negra que está a nos esperar em uma grande mesa posta com um banquete para TODOS.

**Por Guilherme Pimentel**



Fonte: Inspirado em música do Emicida, artista plástico do AC retrata Deus como uma mulher negra — Foto: Gabriel Rodrigues/Arquivo pessoal

Vou basear meu pequeno texto em algumas falas de um ator brasileiro Caio Castro.

Você fala pra mim hoje: "você acredita em Deus?" Não mais, não preciso... É a mesma coisa que eu falar assim pra você: "A água que a gente bebe, tem gosto..." Tem gosto de que? "Tem gosto". "Mas água não tem gosto" "Tem gosto de Morango". "Água com gosto de morango?" "É, você acredita em mim?" "Acredito". "Então prova". "Você não vai mais precisar acreditar em mim, você vai ter a experiência, e você vai sentir o gosto da água". Deus é a mesma coisa!

Porque um dia me falaram assim: "Conhece Deus?" Eu falei: Não. "Prazer, esse aqui é Deus" "Tá bom, vou acreditar em você, e vou acreditar nele".

A partir do momento em que você passa a ter uma experiência, você não precisa mais acreditar, você convive com a pessoa, você convive com o Espírito Santo, você convive com aquilo entendeu?

Pra mim Amanda, pertencente do grupo Jucriss é a mesma coisa, Deus é alguém que eu tenho, alguém que eu tenho liberdade pra conversar, me abrir, depositar meus sentimentos, sofrimentos e alegrias, Deus é alguém que tenho a certeza que está comigo em todos os momentos da minha vida e às vezes fico muito brava, porque sou capaz de sentir medo em pequenas coisas. Por que medo, se eu tenho alguém que está sempre comigo, me protegendo? E aí que eu vejo que talvez eu tenha me afastado um pouco, mas eu logo volto, porque a vida sem Ele não é a mesma. Se eu tenho a alegria e o dom de fazer alguém sorrir, é por Ele, se eu tenho essa energia toda, é pelo amor que Ele tem por mim e a herança que Ele deixou em minha alma, e a cada dia fico mais apaixonada nas maravilhas que Ele faz em nossas vidas. E uma das coisas que eu acho mais boa, é ver Deus em alguém, é olhar, estar perto, e sentir a leveza, o amor transbordando, e aí é onde eu aumento todos os dias a certeza que Ele está comigo.

## Por Amanda Ramos

*"Deus é alguém que eu tenho a certeza que está comigo em todos os momentos da minha vida"*



*“Deus é amor,  
é misericórdia  
e é vida!”*

O que é Deus para mim?

Essa é uma pergunta que sempre me intrigou e por muitos anos da minha vida acreditei que Deus fosse aquela divindade que julga a todos como foi ensinado na catequese.

Com o tempo e com as experiências que vivenciei em minha vida, passei a acreditar que Deus é amor, é misericórdia e é vida! O convívio com a minha família e com meus amigos, as oportunidades que tive na igreja e a participação em pastorais como o Grupo de Jovens Viver e Expressar e a Pastoral da Juventude do Meio Popular contribuíram para que eu acreditasse em um Deus inclusivo e amoroso!

Vejo Deus em toda a sua criação, na natureza, no Universo e no próximo, pois somos sua imagem e semelhança e por isso precisamos respeitar, preservar e amar a sua criação.

Vejo Deus no próximo e onde existe a solidariedade, o respeito, a caridade, a fraternidade e o amor. Vejo Deus onde existe resistência e luta por um mundo mais inclusivo, mais digno, sem preconceito, sem fome, com moradia, educação, emprego e saúde para todos!

**Por André Afonso**



Fonte: Reprodução Sintrafesc

Durante muito tempo, trouxe comigo um conceito muito errôneo, à respeito de quem é Deus. Até o momento que me deparei com o Deus de Jesus, Ele (Deus) era um Ser Divino que habitava em um lugar muito longínquo, humanamente impossível de criar laços e relações, um Deus que não queria saber de dialogar, de vontade soberana e inquestionável, e que não estava nem aí para as vicissitudes da nossa vida. Mas com início desse tempo sombrio (Pandemia) e já não mais aguentando carregar o peso desse conceito sobre o Divino, acelerou a necessidade de dar uma outra conceituação/ressignificação de quem é Deus para mim, na minha vida.

Faço memória do acontecimento dos Discípulos de Emaús: Deus se coloca ao lado daqueles que eram seus conhecidos, mas suas dúvidas, suas expectativas destruídas, seus medos, não os deixaram reconhecer quem era aquele forasteiro que caminhava lado a lado com eles ---- assim é conosco, em momentos que tudo parece desabar e não temos mais perspectiva, Deus se coloca ao nosso lado não como um Deus poderoso, majestoso, mas como alguém que nos empresta seus ouvidos, seu colo, seu olhar e nos entende, sem julgamento ou condenação, assim como aconteceu no caminho à Emaús. ----- Deus pra mim é, aquele caminha ao lado do seu povo sofredor, sem esperança: das mulheres que são tão colocadas à margem; dos negros; dos povos originários que são massacrados em nome da ordem capitalista e do lucro; dos sem terra, sem teto e desempregados; da comunidade LGBTQIA+ só por ser quem são na sua autenticidade, vítimas de tanta violência e preconceito... Enfim Deus é presença ao lado de todos, todas e todes que são injustiçados, excluídos e oprimidos.

Aproveito para agradecer a PJMP da Diocese de Uberlândia por ser um dos agentes responsável por essa trilha na busca pelo Deus de Jesus, mesmo estando tão longe geograficamente, sua presença foi de extrema importância.

## Por Iago Enrico

*“Deus pra mim é,  
aquele caminha ao  
lado do seu povo  
sofredor”*



Quem é Deus?

É uma pergunta que não há resposta certa e é carregada de subjetividade. Descrever Deus é o mesmo que limitá-lo.

Deus é grandioso, mas ao mesmo tempo pequenino, ao se revelar em cada um de nós. Já dizia em Gênesis 1, 26-27, somos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Deus é o Criador e se manifesta em cada uma de suas criaturas, Ele está na natureza, no Sol, nas águas, na flora, na fauna, na diversidade, em cada ser, em cada pessoa, nos que creem e nos que não creem. Ele é Deus de amor, de bondade, de compaixão e sua misericórdia nos faz ser melhores a cada dia.

Ele é o Altíssimo, mas também se revelou ao seu filho unigênito, de forma humana, para que todo aquele que n'Ele crê não morra, mas tenha a vida eterna. Assim como Jesus, somos chamados e chamadas filhos e filhas do Senhor, para bendizer o seu nome e ajudar a construir o Reino de Deus, por justiça, igualdade, respeito, amor, paz e dignidade.

Deus é para mim, nosso Pai, nosso Criador, que se revela em cada um de nós, em toda a sua criação, é um laço eterno de amor.

Onde há o amor e a caridade, Deus aí está.

**Por Karen Gonçalves  
Fernandes**



Fonte: Imagem  
do Google.

## PJMP Diocese de Uberlândia marca presença na Assembleia Eclesial

De 22 a 28 de novembro de 2021, no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, ocorreu a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Esse evento foi convocado pelo Papa Francisco e buscou responder uma questão fundamental: quais são os novos desafios para a Igreja na América Latina e no Caribe, à luz da V Conferência Geral de Aparecida, dos sinais dos tempos e do Magistério do Papa Francisco?

Não se trata de uma assembleia episcopal, como tradicionalmente ouvíamos falar, mas uma assembleia eclesial. Isso significa que tomaram parte nessa assembleia representantes das mais variadas categorias de sujeitos eclesiais. Houve uma participação completa e ampla de todo povo de Deus através da escuta (pessoas, instituições, organizações pastorais, povos...), de forma presencial e virtual.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) da Diocese de Uberlândia participou desse processo estabelecendo diálogos e reflexões sobre essa questão fundamental. Foram produzidos cinco artigos, que seguem:



A maneira como habitamos a Casa Comum é nociva e insustentável à sua natureza, sendo evidenciado na comunidade científica de todo o planeta. Recentemente, a ONU lançou o Relatório do IPCC de 2021 evidenciando que as ações antrópicas afetaram diretamente as mudanças climáticas na Terra e, com a pandemia do coronavírus, as consequências desse comportamento destruído da natureza se tornaram mais evidentes.

Preocupado com as questões ecológicas e a humanidade, Papa Francisco, no ano de 2015, escreve a Carta Encíclica (documento pontifício de reflexão e aprofundamento da doutrina católica) *Laudato si'* (Louvado sejas): Sobre o cuidado da Casa Comum. Nesse documento Francisco expõe a crise ecológica pela qual a Terra está passando e utiliza das várias ciências para fazer uma profunda análise desta realidade e em seguida propõem ações para seu enfrentamento. Apesar da Encíclica *Laudato si'* ser um documento papal, Francisco deixa claro que o documento é destinado para todas as pessoas.

Papa Francisco, de modo profético expõe a crise ecológica que assola o planeta, denunciando as causas e consequências devastadoras visíveis nas diversas realidades. Incansavelmente afirma que tudo está "interligado" e "integrado", portanto tudo está ameaçado. O atual sistema político capitalista, além de promover o uso insustentável dos recursos naturais, gera a desigualdade social. A atual e crescente crise ecológica, econômica e social causada pelas mudanças climáticas e do aquecimento global não afeta todos da mesma maneira e as pessoas marginalizadas são as mais prejudicadas.

## Por André Afonso B. Souza

A Igreja, assim como a comunidade, deve estar inteirada e engajada nas questões ambientais, da terra e das comunidades tradicionais, pois na Encíclica da *Laudato Si'*, o papa Francisco destaca o grito dos pobres e o grito da terra.

De uma perspectiva da sociedade civil e dos movimentos populares, é possível perceber significativa ação de vários desses grupos que reivindicam políticas públicas e sua concretização aos governantes e também realizam ações de conscientização e preservação da natureza. De uma perspectiva estatal, as tentativas de diálogo entre os países sobre a temática ecológica são recorrentes. Apesar dos países se comprometerem em diminuir sua pegada ecológica e preservarem a natureza, não o fazem, o que torna os tratados internacionais ineficazes.

Uma alternativa a ser seguida é o objetivo precípuo de sustentabilidade econômica, social e ecológica, baseada na preservação e alocação eficiente do capital natural, bem-estar humano sustentável e manutenção das condições de funcionamento adequado dos ecossistemas. Este novo modelo de análise deve incorporar a ideia de limites biofísicos. As políticas econômicas devem dar prioridade à proteção do capital natural, levando em conta os princípios de eficácia e eficiência e os critérios éticos de equidade, justiça, legitimidade e sustentabilidade. Além disso, os debates científicos e políticos precisam de diálogo com todos os envolvidos, deixar a corrupção que oculta verdades e ter sinceridade.

A Igreja tem o dever de defender a Casa Comum e o papel das pastorais da terra e outros movimentos são fundamentais na conscientização da população e na formação de uma cultura e hábitos sustentáveis. A mudança necessária defendida até agora deve acontecer concomitantemente de forma individual, em pequenas práticas do dia a dia, utilizando os 7R's (reduzir, reutilizar, reciclar, repensar, reusar, recuperar e respeitar) e coletiva, pela organização e mobilização comunitária/popular. No campo da conversão comunitária institucional é possível pensar em quatro aspectos: eventos, campanhas, processos e incidência política/cidadã. O primeiro passo é a sensibilização da comunidade para a temática da ecologia. Pensar atividades que impactam as pessoas com a realidade. Traçar um plano para implementação de ações com o objetivo de criar novos hábitos.

No âmbito dos eventos e campanhas é possível organizar: caminhada ecológica; feira de trocas; feira de produtos agroecológicos e da economia solidária; passeio ciclístico; mutirão de limpeza; plantio de mudas; dentre outros; todas essas atividades devem ser bem preparadas e articuladas. No âmbito dos processos é possível reduzir o impacto ambiental e criar impactos positivos: coleta e destinação de óleo usado; destinar os resíduos a associação de catadores; favorecer fornecedores que tem perspectiva ecológica; realizar reformas e construções com ecodesign; reflorestar com plantas típicas do bioma e árvores frutíferas, criar projetos nos ambientes escolares de educação ambiental, reduzir ou deixar de consumir alimentos e produtos de origem animal ou que exploram os animais de maneira cruel, evitar consumo de plásticos, entre outros.

Além disso, a pandemia piorou o cenário econômico e social, pois milhares de microempreendedores estão fechando as portas, trabalhadores autônomos estão sem renda e o desemprego vem aumentando.

O número de moradores em situação de rua no país aumentou durante a pandemia e o Brasil voltou para o mapa da fome. A Igreja, assim como a comunidade, precisa agir e estender o braço para as pessoas em situação de rua, fome e desemprego, apoiando movimentos e pastorais de rua, cobrando os nossos representantes políticos, entre outras formas.

Vivemos em um momento muito delicado e muitos jovens se encontram sem perspectivas para o futuro, em especial os jovens das periferias. Desde o início do isolamento social, os jovens sentem que a condição emocional foi bastante afetada e é importante salvar vidas acima de tudo, assim como fornecer alívio aos que vivem com fome e pobreza. Ainda assim, é importante também repensarmos a retomada do país, estabelecendo um plano de reinserção da juventude no mercado de trabalho e tornando os espaços universitários mais acessíveis para os jovens brasileiros.

Muito tem se falado de repensarmos a forma com a qual desenvolvemos sociedades, governos e organizações, utilizando da crise provocada pela COVID-19 como oportunidade para estruturarmos um novo modelo: um retorno sustentável. Sustentabilidade é econômica, ambiental e social. Estamos falando aqui de uma geração inteira que não pode passar sua vida condenada a ter tido seu futuro determinado pelos efeitos desse período de isolamento. Não incluir a empregabilidade jovem, o acesso às universidades e à educação de qualidade como pautas prioritárias do momento pós-pandemia poderá trazer custos a um país com grandes e cada vez mais irreversíveis débitos.

A Igreja tem o papel fundamental de ajudar a construir e aplicar a economia ecológica e sustentável voltada para os valores cristãos de defesa a Casa Comum.

É fundamental que toda a comunidade se una para combater de forma prioritária a cultura do consumismo e do descarte, a exclusão social, econômica e ambiental e, por fim, o modelo capitalista insustentável e anticristão. A pauta da economia ecológica é de extrema importância para a sociedade e a Encíclica da Laudato Si' é uma importante fonte de informação e formação para os cristãos, por isso, a Igreja deve abordar tal documento em suas dioceses para que essa mudança para um comportamento coletivo, solidário e sustentável seja possível de se concretizar. É evidente que os jovens não podem ser ignorados pela Igreja, visto que são os gestores da futura cultura.



André Afonso B. Souza é coordenador do Grupo de Jovens Viver e Expressar da Paróquia Santa Ana, da cidade de Indianópolis/MG.

## IGREJA CATÓLICA, PROTESTANTISMO, PERIFERIA E A COMUNICAÇÃO: UMA BREVE REFLEXÃO E QUESTIONAMENTOS

Sabemos que a Igreja Católica já passou pela Cisma, no ano de 1054 d.C, surgindo a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa. Também, no início do século XVI, teve outra ruptura, uma reforma protestante, por motivos políticos e religioso. O movimento protestante começou com Martinho Lutero e espalhou-se na Europa, assim surgiram novas Igrejas protestantes, sendo elas as tradicionais: Igreja Luterana, Calvinista, Anglicana e Batista (do movimento Anabatista). Depois, no início do século XX, surgiram as Igrejas Pentecostais, alguns exemplos, Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Metodistas e outras. E, no final do século XX, apareceram as Igrejas Neopentecostais, como: Igreja Universal, Igreja Mundial, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Igreja Sara Nossa Terra e dentre outras.

### Por Marina Goiá Santos Faria

Diante disso, percebe-se que as linhas cristãs têm crescido cada vez mais desde sempre. Dessa forma, o indivíduo tem mais possibilidades para fazer a sua escolha religiosa. Então, o que faz uma pessoa escolher a sua comunidade? Seria o local? As pessoas que frequentam a instituição? O líder? A expressão da fé? O acolhimento?

Sabemos que a desigualdade social é uma realidade da América Latina e Caribenha, fruto disso são as periferias, que são resultados da urbanização acelerada e desorganizada. Entretanto, as pessoas que moram nesses lugares vivem uma realidade única, com seus dilemas, política e cultura própria. Como ser Igreja nesses espaços?

Por que a Igreja Católica não está nesses espaços? Ou melhor, há Igreja Católica nesses espaços? Se sim, porque nem todos sabem da sua existência? Acredito que seja difícil a Igreja Católica estar presente como instituição física, porque ainda é preocupada com a sua estética. Sendo que os nossos irmãos protestantes estão ocupando esses locais sem preocupar com a sua estrutura, vejo que eles estão mais preocupados em pregar a palavra seja ela fundamentalista ou não, mas estar nestes espaços mostra que há uma comunidade que leva uma palavra de conforto, as pessoas que escolheram estar lá busca por apoio e o fortalecimento da sua fé.

Mas, como a Igreja Católica pode-se inserir nessa realidade? Acredito em uma Igreja que seja mais inclusiva, com acolhimento à diversidade e, ao estar presente nas periferias, ela deve vivenciar a realidade do cotidiano das pessoas que vivem nesses espaços para compreender a dinâmica e buscar Cristo neste local, o que não foge da realidade da época de Jesus Cristo no mundo, já que ele nasceu em família humilde e estava com as pessoas mais excluídas daquela sociedade. Vale ressaltar que esses espaços podem ser vistos como forma de atuação pastoral e teológico, já que há desafios para cumprir a evangelização, por meio da missão proposta por Papa Francisco: “opção preferencial pelos pobres”, “escuta do grito dos pobres e da terra”, “uma Igreja em saída” e, ao mesmo tempo respeitando as características da diversidade periférica. E dentro desta diversidade, temos que ter um diálogo ecumênico e inter religioso, ter a busca pela prática da escuta, participar de dinâmicas e respeitar os espaços.

Além disso, como comunicar a mensagem cristã para essas pessoas? Como conversar com os nossos irmãos que são de outra religião?

Quando leio a Bíblia, noto que Cristo tinha uma forma de cativar as pessoas de sua época, escolhia as palavras certas, estava no momento certo e sempre levava a libertação. Ele não se preocupava com a formação das entidades familiares e sim como a sua mensagem iria cativar e acolher aquela pessoa, como Jesus conversou com a Samaritana (Jo 4, 1-42). Atualizando, qual água estamos bebendo e levando para as pessoas? / qual água temos que beber e levar para as pessoas? Que tipo de testemunhos damos? Quais escutamos?

Quanto à comunicação, creio que temos que levar a mensagem de Cristo de forma mais alegre, num contexto atual, principalmente para os jovens, os quais estão imergidos na era virtual. Será que as pessoas vão aceitar/aceitam o uso da imagem de Jesus neste ambiente? Atualmente, não há como negar que a evangelização precisa ocupar esses espaços. Assim como Cristo fez suas pregações na montanha, fez milagres em locais públicos, em casamento, mas note que Ele sempre estava no meio do povo, caminhando junto, vivendo em comunhão e, principalmente, acolhendo com amor.



Marina Goiá Santos Faria faz parte da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes na Paróquia Bom Jesus de Uberlândia e é participante do Grupo de Jovens Viver e Expressar da Paróquia Santa Ana, da cidade de Indianópolis/MG.

# PACTO EDUCATIVO GLOBAL: POR UMA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Neste breve ensaio vamos estabelecer alguns apontamentos sobre a educação na América Latina, enfocando as contribuições do educador brasileiro Paulo Freire e o Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco.

A proteção do meio ambiente tem se estabelecido como um dos temas centrais do pontificado do Papa Francisco. Na carta encíclica *Laudato Si'* o papa estabelece profundas reflexões sociais e teológicas acerca das mudanças climáticas, voltando o olhar da Igreja pela primeira vez para a questão ambiental. Para a escrita da carta, além do uso da metodologia ver, julgar e agir, própria da Igreja na América Latina, o papa também fez uso dos subsídios do teólogo Leonardo Boff, um dos expoentes da teologia da libertação no Brasil, que dedicou grande parte de sua vida a reflexões sobre a ecoteologia: ouvir o grito da terra e o grito dos pobres. A carta encíclica denuncia fortemente os crimes/pecados cometidos contra nossa Casa Comum e aponta a necessidade de uma outra forma de organização social, com um outro modelo econômico, educativo e relacional, no sentido da promoção de uma libertação integral do ser humano.

Desta forma, o Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco é uma tentativa de articulação entre diversas organizações da sociedade civil e governos no sentido da construção de uma educação humanista e solidária como forma de transformar a sociedade. Nesse sentido cabe a nós todos e todas o (re)pensar das formas de se fazer educação. Educação aqui não é apenas no sentido escolar, mas também da própria experiência relacional em sociedade, com o próximo.

## Por Gabriel Ribeiro Fajardo

Quando pensamos uma educação humanista que promove a transformação social, como proposto pelo Papa no Pacto, não há como não mencionar as contribuições do educador brasileiro Paulo Freire para a educação da América Latina e de todo o mundo. Por isso é necessário realizar alguns apontamentos sobre a vida deste educador e suas contribuições para a educação e também para a Igreja.

Freire foi um dos educadores a pensar a educação voltada para a realidade Latino-Americana. Uma educação que não se espelha em outros países ou sociedades, mas que parte do próprio povo, de suas problemáticas e de seus sonhos de esperança. Por isso, a educação em Freire dialoga diretamente com a vida dos sujeitos e os leva a questionar sua situação de miséria, pobreza, desigualdade e ao se conscientizarem, lutam pela transformação. A discussão do conceito antropológico de cultura é fundamental na práxis freireana. Uma vez que os homens e as mulheres percebendo-se como sujeitos fazedores de cultura entendem que podem transformar a realidade e construir sua própria história, deixando o fatalismo ideológico imposto pela classe dominante – percebem que as relações de injustiça, desigualdade e miséria não são naturais, não são vontade de Deus, mas são produtos da crueldade humana e estrutural que há em nossa sociedade, e que deve ser transformada. Desta forma, a educação em Freire está a serviço da libertação das classes oprimidas.

Freire, em entrevista para a TV PUC SP, uma de suas últimas entrevistas, fala que sua fé cristã influenciou seu jeito de olhar e pensar o mundo. Podemos observar essa influência em vários de seus escritos. O contrário também é verdadeiro, uma vez que Freire também refletiu sobre as Igrejas. Podemos citar as obras: Os cristãos e a libertação dos oprimidos; O papel educativo das Igrejas na América Latina; e Carta a um jovem teólogo. Em todos esses escritos Freire aponta que uma vez inseridas na história e em seus conflitos, nem a Igreja, nem a educação, podem ser neutras. Se está a favor da libertação dos oprimidos ou contra ela. Portanto, o profetismo: a denúncia e o anúncio, também constituem o pensamento freireano. É necessária uma práxis (ação-reflexão-ação) que denuncie as situações de injustiça e que anuncie um novo mundo possível, transformando-o desde já.

Para Freire a experiência com o transcendente se dá na existência humana, neste mundo. É encarnação. O amor em Freire é compromisso social:

"Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa de sua libertação. [...] Não é devido à deterioração a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa" (FREIRE, 1970, p. 45).

O sagrado está na práxis que humaniza. Nas relações fraternas entre as pessoas. Na comunhão que promove a justiça e a paz.

Nas palavras de Freire: "Eu defendo uma educação que forme, e não uma educação que treine". A classe dominante fala da educação como espaço de aquisição de saberes rudimentares, de habilidades e competências e da técnica. No entanto entendemos que a educação não está a serviço do mercado, de formação de mão de obra, mas a serviço dos sujeitos que dela fazem parte. Nesse mesmo sentido corrobora o documento 47 da CNBB:



Fonte: O encontro de Freire com Cristo junto dos favelados, camponeses e oprimidos.

Imagem: Cleber Prado (@cleber.art)

"O sub-desenvolvimento e as desigualdades sociais de nosso país, especialmente na atual conjuntura de estrangulamento econômico e de empobrecimento do povo, pode ser vistos a partir de duas perspectivas de fundo. Uma é a da modernização elitista. É a que motiva os que detêm o controle econômico, político e cultural. Pode-se dizer que o sistema educacional brasileiro está largamente a serviço dos interesses associados a essa maneira de ver. A segunda perspectiva procede de outro ponto de vista e corresponde aos interesses da maioria marginalizada sem acesso às conquistas e possibilidades abertas pela modernização da sociedade. É a perspectiva da educação para todos." (CNBB, p. 36, 1992)

Desenvolvimento de uma sociedade só ocorre de fato se o desenvolvimento econômico for acompanhado de desenvolvimento social. Por isso a nossa luta pela garantia de direitos. Um deles é a democratização do acesso à educação e a garantia de permanência dos educandos e das educandas nesse espaço, a qualidade da educação, sua laicidade, seu caráter público e gratuidade.

A participação da juventude neste processo é fundamental. A escuta e o diálogo sincero de nossas demandas, propostas e ideias. A construção de uma educação realizada por jovens para jovens, principalmente os jovens que estão nas periferias. Sabemos que podemos encontrar muitas carências nas periferias, porém a periferia também é potencial criativo, de construção de culturas e constituição de sujeitos.

Um caminho possível que precisamos conhecer e resgatar são as iniciativas de educação popular e educação de base:

"[...] Na chamada educação popular, com suas muitas facetas e variantes, os educadores brasileiros tentam dar respostas às diferenciações e articulações presentes nessa dimensão cultural de base, abrindo espaço para as culturas silenciadas dentro do pluralismo de valores, simbólicos e códigos éticos religiosos que constituem hoje nosso patrimônio histórico-cultural. Setores mais conscientizados, valorizando nossa cultura popular, procuram resgatar o que há de mais genuíno e puro na maneira de se expressar, viver e conviver da população. A sabedoria popular pela sua compreensão e sensibilidade do real ensina lições de resistência, de solidariedade, de reinvenção de estruturas sociais mais humanas, justas e fraternas." (CNBB, p. 23, 1992).

Deste modo, o (re)pensar a educação implica para nós humanismo e profetismo: construção de relações mais fraternas, de maior escuta e empatia com a situação dos educandos e das educandas; a valorização de suas potencialidades, de suas subjetividades; o comprometimento social com a transformação da realidade.

Uma educação realizada pelas classes populares, humanista, como a proposta pelo Papa no Pacto Educativo Global e por Paulo Freire é subversão.

Subversão de relações em uma sociedade que valoriza o poder e o ter em detrimento do ser. Por isso, revolucionária. Para nós: "A educação está a serviço desse 'aprender', que se radica na liberdade, passa pela libertação da pessoa e culmina na abertura a uma ordem social humanizadora" (CNBB, p. 40, 1992).

#### REFERÊNCIAS:

CNBB. Educação, igreja e sociedade. Edições Paulinas: São Paulo, 1992.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das Igrejas na América Latina. In: Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 14ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. Os cristãos e a libertação dos oprimidos. Edições Base: Porto, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz & Terra: Rio de Janeiro, 1970.



Gabriel Ribeiro Fajardo é graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (2017-2021); professor da Educação Infantil e 1º ao 5º ano na prefeitura de Uberlândia/MG; atualmente integra o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF – Faced/UFU) e a coordenação da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) na Diocese de Uberlândia/MG.

## CLERICALISMO: UM CAMINHO CONTRÁRIO A UMA IGREJA SINODAL

Por Guilherme Pimentel

O Concílio Vaticano II trouxe a tona um tema muito importante, o clericalismo, foi colocado em questão a ideia de que a igreja era composta por duas categorias de cristãos: o clero, detentores do sagrado e os leigos, a quem cabia se subordinar ao clero, objeto pastoral. Porém o Vaticano II faz uma reviravolta, voltando assim às fontes bíblicas, voltando ao modelo das comunidades cristãs primitivas, a um único gênero de cristãos, os batizados, de onde brota todos os ministérios inclusive os ordenados. Nossa primeira vocação é à vida e a vocação batismal a qual todos somos chamados e assim fazendo parte dessa grande comunidade de cristãos, com uma grande diversidade de dons e ministérios.

Os ministros ordenados saem do seio de uma comunidade, para assim voltarem para uma comunidade para presidir essa assembléia profética, sacerdotal e régia. Aqui é necessário fazer uma observação, os ministros ordenados saem do seio de uma comunidade para se preparem em vista do ministério ordenado e assim PRESIDREM outra comunidade, aqui ênfase o verbo presidir, por muito tempo o clero foi visto como os detentores do sagrado e comandavam a igreja, eram pastores sem cheiro de ovelhas. Portanto nesse tempo de formação, preparação em vista do ministério ordenado é necessário se ter em mente esse cristo servidor, pastor com o cheiro das ovelhas, aquele que está no meio e não acima dos batizados.

O Vaticano II traz de volta a concepção de que “Igreja somos nós”. O Concílio ainda nos diz que existe uma grande igualdade, em dignidade, de todos os ministérios, ordenados ou não.

E a conferência de Aparecida faz um apelo ainda maior, pelo protagonismo das mulheres, essas que ainda vemos tão às margens da Igreja. Vemos que o Papa Francisco faz um grande movimento na Igreja nesse sentido, com o convite a tantas mulheres para a ocupação de cargos importantes na cúria romana. Mas e na nossa Igreja latino-americana e caribenha como está essa questão, do protagonismo das mulheres? Na nossa igreja particular (Diocese de Uberlândia)?

Infelizmente em nossa diocese, diocese de Uberlândia-MG, ainda vemos uma igreja pré-conciliar em muitas paróquias das nove cidades que compõem a diocese, vemos ainda o grande mal da igreja o clericalismo, vemos ministros ordenados que ao serem transferidos para outras paróquias, chegam, não respeitam o caminho e a história daquele povo e daquele lugar, não respeitam aquilo que já foi construído. Lembro-me de certa vez em uma Assembléia diocesana de pastoral, escutar um grupo de padres dizerem o seguinte: “Em minha paróquia não existe nenhum tipo de conselho, quem manda sou eu.” É essa a Igreja que queremos? Uma Igreja que é comandada e não presidida? Uma Igreja com detentores do sagrado?

É muito triste ver que 50 anos após o Concílio Vaticano II ainda existem mentes que não estão abertas para tais mudanças, é preciso e necessário se pensar nessa Igreja composta por uma diversidade de dons e ministérios que se completam, é preciso se pensar em ministérios ordenados que sejam colegiados exercidos em equipe.

O leigo é sujeito de ministérios na Igreja e no mundo. Assim como a missão do leigo também é na Igreja, a missão dos ministros ordenados também é no mundo. Todos os cristãos têm a missão de ser “fermento na massa” e “luz do mundo”. Aqui me recordo de outra fala de uma autoridade eclesial, certa vez essa autoridade me disse o seguinte: “A igreja não precisa apenas de ministros ordenados, precisamos também de leigos, pois existem lugares que os ministros ordenados não são bem vindos.” Tudo bem, precisamos sim exercer nossa missão nesses lugares, mas porque os ministros ordenados não são bem vindos nesses lugares? O que eles estão fazendo para mudar esse preconceito que existe sobre eles?

Nossa Igreja particular já cresceu muito no sentido dessa Igreja sinodal, com assembleias deliberativas, com lideranças laicais, com conselhos paroquiais, comunitários, financeiros (econômicos), mas ainda é preciso que esses conselhos e assembleias tenham voz e vez, não basta que eles existam é necessário que sejam ouvidos e que o que se fala seja levado em consideração. É necessário que os ministros ordenados concedam espaços para que os leigos também possam evangelizar, pois sabemos que as cidades crescem cada vez mais, porém o número de vocações não acompanha padres não tenham medo de ceder lugar aos leigos, o que muitos querem é ajudar.

Assim afirmou o Papa Francisco no discurso proferido, por ocasião do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, quando já se encaminhava para a conclusão do Concílio Vaticano II. “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.”

Por fim gostaria de ressaltar que para essa vivência de uma Igreja sinodal é necessário viver aquilo que foi discutido no Concílio Vaticano II, é preciso afundar

*“O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.” -  
Papa Francisco*

nossas raízes no próprio evento de Jesus Cristo e na prática de vida da comunidade cristã desde as origens, um caminho que faremos juntos. Os batizados exercendo seus ministérios e carismas, exercendo aquilo que lhes cabe, os padres, bispos nas Igrejas individuais, o colégio dos bispos em comunhão hierárquica com o papa e assim chegando ao nível universal da Igreja. Para que esse caminho também é necessário fazer o caminho inverso do universal para o particular, pois não adianta o Papa propor e nada for colocado em prática, um exemplo: existem ministérios que são concebidos aos leigos (leitor, acólito, catequista) em alguns lugares ministros das exéquias, e porque não são confiados aos leigos? Aqui ainda cabe uma outra reflexão a respeito da burocratização, porque existe toda essa burocratização, porque muitas vezes esse ministérios não são confiados as mulheres? Quando em muitos lugares da América Latina já há bastante tempo as mulheres são maioria quando se diz respeito à catequese e liturgia. Será que é o medo de perder o “poder” que é confiado aos ministros ordenados? Porque os diáconos permanentes são tão privados de exercerem o seu ministério? Porque não são criadas diaconias em paróquias com grandes extensões territoriais? Porque não se dá abertura para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)?

Vivemos em um país tão grande, extenso em questões territoriais e existenciais que somente quem está em contato com toda essa diversidade é capaz de manter um diálogo e evangelizar em todo lugar, para evangelizar, porém também é necessário o conhecimento, formação e uma formação permanente, os batizados possuem o interesse e clamam pelo conhecimento para que coloque em prática a proposta de construção dessa Igreja sinodal. Pois para isso é necessário apenas colocar em prática aquilo que já está nos documentos da Igreja, tirarmos do papel e colocarmos na vida deixemos que isso chegue a todos sem nenhuma distinção.



Guilherme Pimentel é participante do Grupo de Jovens Viver e Expressar da Paróquia Santa Ana, da cidade de Indianópolis/MG.

## VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O PAPEL DA IGREJA

Por Karen Gonçalves  
Fernandes

A violência é um problema social que incide em todas as esferas da sociedade, na família, nas escolas, nas instituições, nos espaços públicos e privados. Para compreender a complexidade do tema, é importante conhecer o sentido etimológico da palavra. De acordo com o dicionário Aurélio, a expressão origina-se do latim *violência* que remete a *vis* e significa caráter violento ou bravo, força, vigor, potência, emprego de força física, é o constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém.

A violência corresponde a qualquer ato que diminui a integridade pessoal da pessoa, seja em seu aspecto físico, moral, psicológico, social, sexual, patrimonial, econômico, institucional, dentre outras violências.

Pensando nisso, observa-se a existência de várias formas de violência na sociedade, e em especial, contra as mulheres. Nesse sentido, é preciso ter um apoio maior de instituições, como as igrejas, em geral, para que tenham uma preocupação maior com as realidades periféricas, como a da mulher. A pandemia da Covid-19 está afetando a mulher em diversos prismas, na sobrecarga de tarefas, na alta exposição de riscos ao vírus, tendo em vista que há mais mulheres ocupando cargos relacionados à limpeza e à enfermagem, no Brasil.

Além disso, a violência contra a mulher, no Brasil e no mundo aumentou muito, sendo uma das principais violações de direitos humanos.

Podemos elencar diversos elementos que podem ter propagado esse aumento, dentre esses motivos, o primeiro seria que uma das medidas para controlar o contágio do vírus Covid-19 é o distanciamento social, pois as pessoas tiveram que ficar mais isoladas em casa, de modo que o convívio dentro de casa/ambiente familiar e residencial aumentou, e os conflitos que já eram existentes entre os casados/companheiros e companheiras aumentaram, e outros conflitos passaram a existir.

Além disso, a violência doméstica observa a ótica de um ciclo de violência, que é algo rotativo e que se repete continuamente. Esse ciclo normalmente é composto por 3 fases, sendo elas: aumento da tensão; ato de violência; arrependimento e comportamento carinhoso. Como as violências se repetem, a mulher nessa situação, fica cada vez mais sozinha, com dificuldades de pedir ajuda. Com a decretação de distanciamento social, os contatos e a convivência das mulheres com outras pessoas, diminuiu muito, não tendo ajuda para conseguir sair do ciclo de violência, sendo um fator para o aumento das violências e dos feminicídios.

Ademais, no início da pandemia, existia a dificuldade de as vítimas terem acesso aos canais e às redes de enfrentamento de violência, já que os atendimentos passaram a ser remotos. Em Uberlândia-MG, por exemplo, a Delegacia da Mulher só atendia presencialmente, e em dias de semana. Não ficava aberta nos finais de semana, e como se sabe a violência física não tem hora para acontecer. Alguns meses depois, em meados de julho, houve a possibilidade de registrar boletins eletrônicos, facilitando um pouco a vidas das mulheres em situação de violência.

Outro fator que acredito que possa ter propagado para esse aumento é a própria cultura machista e patriarcal da sociedade brasileira aliada ao discurso negacionista do governo, bem como a política de morte implantada que estabelece quem deve viver, quem importa para o governo e quem pouco importa/deve morrer, uma vez que as ações do governo são muito omissas em relação ao compromisso de preservar os direitos humanos, os grupos de minorias vulneráveis e a atuação das políticas públicas contra a violência doméstica, por exemplo.

Podemos observar que tais condutas são advindas também do colonialismo presente na América Latina, uma vez que o machismo e o racismo estrutural são heranças de uma sociedade opressora e escravocrata, que há anos atrás estabeleceram costumes e regras, de modo a reduzir a liberdade da mulher, oprimindo ainda mais a mulher negra e a mulher indígena. Inclusive, dados apresentam que mais de 70% dos casos de feminicídios, as vítimas são mulheres negras.

Há uma teoria que diz sobre o efeito perlocutório, ou seja, o ato de fala tem o poder de motivar ações, como as condutas violentas, como se pode perceber pelas diversas falas misóginas e machistas do Presidente da República, por exemplo, e isso gera um impacto coletivo no cotidiano da vida das pessoas, são nas chamadas “piadinhas” que a violência começa.

Além disso, os decretos promulgados (como o Decreto 10.629/2021) que flexibilizam o porte de armas é outro fator que impulsiona os índices de violência contra a mulher, pois tendo armas dentro de casa, na hora da raiva e do impulso, os feminicídios acontecem.

Por isso, podemos perceber que o fenômeno da violência de gênero é extremamente complexo, e que só será minimizado a partir do momento em que houver um diálogo de transformação ao agressor e à mulher vítima de violência, a partir de conscientização, reeducação, formação, terapia, um processo de escuta e de fala, e também por meio de ações educativas para a sociedade de forma preventiva, ou seja, depende também do compromisso estatal, do governo atuar em defesa das mulheres. É preciso falar sobre violência contra a mulher nas escolas, nos bairros, nas ruas, nos espaços públicos e privados, e a igreja não pode ficar isenta deste papel. A vida da mulher deve ser respeitada, o lar não pode ser um local de morte, deve ser uma morada de vida.



Karen Gonçalves Fernandes, Bacharela em Direito pela Universidade de Uberaba, pós graduanda em Direito Constitucional, pesquisadora na área de violência contra a mulher, faz parte do Grupo de jovens Viver e Expressar e da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

Nesse sentido, seria muito importante que essa pauta estivesse presente nas discussões eclesiais, nas homilias das missas, nos encontros formativos paroquiais, nas catequeses, nas rodas de conversas pastorais, enfim, preservar a vida em todas as suas instâncias é um compromisso social e cristão. Já dizia Jesus, em João 10:10, “em vim para que tenham vida e que a tenham em abundância”. Ter vida em abundância significa ter plenitude de vida, de graça, de dignidade, de paz e de fraternidade. Ou seja, é colocar em prática o primeiro mandamento “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. A vida das mulheres deve ser preservada e a luta contra o machismo é também um papel de todos os cristãos e cristãs.

## Os 12 desafios pastorais da Igreja da América Latina e do Caribe

"Essa Assembleia é um kairós, um momento propício para a escuta e discernimento que nos conecta de forma renovada com as orientações pastorais de Aparecida e com o magistério do Papa Francisco, e nos impele a abrir novos caminhos missionários para as periferias geográficas e existenciais e para lugares próprios de uma Igreja em saída. Quais são, então, esses desafios e orientações pastorais que Deus nos chama a assumir com maior urgência?"



# Leitura Popular da Bíblia

Por Olenir Maria Mendes

A leitura popular da Bíblia é uma metodologia de estudos dos textos bíblicos que tem como objetivo tornar a Bíblia luz para a vida das comunidades. Por meio dessa leitura prioriza-se a leitura coletiva, a qual leva em conta a realidade sofrida e vivida pelo povo como referência para os estudos ou seja, durante as reflexões sobre a vida do povo dos tempos bíblicos, a vida do tempo atual é levada em consideração, como se fosse um espelho.

Nessa forma de leitura, todas as pessoas das comunidades têm vez e voz. A Bíblia é reconhecida e acolhida pelo povo como Palavra de Deus e pouco a pouco percebe-se que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida.

Assim, o povo descobre que é preciso interpretar a vida atual e a Bíblia é como uma "lanterna" para conseguirmos compreender o nosso tempo e construir um mundo novo.

Há mais de 40 anos o CEBI tem sido referência em estudos bíblicos utilizando essa metodologia. Conheça nosso trabalho pelo site: [cebi.org.br](http://cebi.org.br)





## Pastoral da Juventude do Meio Popular

A PJMP “é a experiência da Igreja de rosto popular e jovem. É a reconstrução do rosto de Cristo entre os jovens mais sofridos... A PJMP é solidária na dor, firme na esperança, alegre em suas pequenas mas progressivas conquistas.” Dom Sinésio Bohn

@pjmpuberlandia



Website  
[pjmp.org](http://pjmp.org)